



- ²⁶ Dom Raymundo Damasceno Assis, *Conjuntura Social e Documentação Eclesial*, n. 424.
- ²⁷ Conferência Internacional do Pontifício Conselho para a Pastoral da Saúde, 1991.
- ²⁸ Id.
- ²⁹ Ensinamentos de João Paulo II, IX, 2, 1986, p. 197.
- ³⁰ Cardeal Angelo Sodano, *Pastoral da Sobriedade*, Loyola, 1999.
- ³¹ Seminário Internacional Solidários pela vida, 09.10.1997.
- ³² Seminário Internacional Solidários pela vida, 09.10.1997.
- ³³ Seminário Internacional Solidários pela vida, 09.10.1997.
- ³⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2290.
- ³⁵ Seminário Internacional Solidários pela vida, 09.10.1997.
- ³⁶ Conferência Internacional do Pontifício Conselho para a Pastoral da Saúde, 1991.
- ³⁷ Conferência Internacional do Pontifício Conselho para a Pastoral da Saúde, 1991.
- ³⁸ Ensinamentos de João Paulo II, XII, 2, 1989, p. 637.
- ³⁹ Ensinamentos de João Paulo II, VII, 2, 1984, p. 349.
- ⁴⁰ Dom Raymundo Damasceno Assis, *Conjuntura Social e Documentação Eclesial*, n. 424.
- ⁴¹ Ensinamentos de João Paulo II, VII, 2, 1984, p. 1541.
- ⁴² Cardeal Angelo Sodano, *Pastoral da Sobriedade*, Loyola 1999.
- ⁴³ Seminário Internacional Solidários pela vida, 09.10.1997.
- ⁴⁴ Cardeal Angelo Sodano, *Pastoral da Sobriedade*, Loyola 1999.
- ⁴⁵ Seminário Internacional Solidários pela vida, 09.10.1997.
- ⁴⁶ Documento de Santo Domingo, 241.
- ⁴⁷ João Paulo II, Exortação Apostólica Pós Sinodal *Ecclesia in América*, n. 61.
- ⁴⁸ Carta da Pastoral da Sobriedade, Guaratinguetá, 1999.
- ⁴⁹ Texto-base da CF 2001, *Vida sim, drogas não*, p. 95.
- ⁵⁰ Papa João Paulo II, Exortação Apostólica Pós Sinodal *Ecclesia in America*, n. 61.
- ⁵¹ Texto-base da CF 2001, *Vida sim, drogas não*, p. 9.
- ⁵² Papa João Paulo II, Exortação Apostólica Pós Sinodal *Ecclesia in America*, n. 61.

Endereço do Autor:
e-mail: nilomomm@ig.com.br



O autor, que apresenta os objetivos da CF 2001, insiste na importância decisiva das escolhas que fazemos, no que significa "escolher a Vida". Apresenta princípios básicos para que essa escolha seja acertada, e reflete sobre os dons característicos da pessoa humana, marcada pela liberdade e a responsabilidade. Aborda também a "Pastoral da Sobriedade", novo nome da Pastoral da prevenção e recuperação da dependência química, apontando as várias frentes de trabalho em que esta Pastoral pode atuar.

Vida, sim,

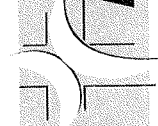
Vida em abundância

O tema da Vida nos escritos de João

Pe. Ney Brasil Pereira

Mestre em Ciências Bíblicas e professor no ITESC

Artigos



Introdução

A alternativa apresentada no slogan da CF 2001 – *Vida, sim, drogas não!* – é uma das versões modernas da alternativa expressa no livro do Deuteronômio, no famoso texto em que Moisés, na conclusão dos seus discursos de despedida, propõe a seu povo o que nós diríamos a “opção fundamental”: *Hoje coloco diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se ouvires os mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno, ... então viverás e te multiplicarás... Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando ao Senhor teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a Ele. Porque disto depende a tua vida....* (Dt 30,15-20).

Já Amós, o primeiro dos profetas escritores, sintetiza em poucas palavras a proposta da Vida, mostrando em quem e como encontrá-la: *Procurai-me e viveis, diz o Senhor* (Am 5,4), *procurai o bem e não o mal, para que possais viver* (Am 5,14), isto é, a garantia da Vida está no Senhor, na adesão ao bem e na rejeição do mal... Pelo final do século VII aC, no contexto da invasão dos “caldeus”, ou seja, dos babilônios, o profeta Habacuc coloca na “fidelidade” (hebr. *’emunâh*, que Paulo vai traduzir por “fé”, em gr. *pístis*) a garantia da Vida: *o justo viverá pela sua fidelidade* (Hab 2,4a). Assim, segundo Habacuc, a fidelidade a Javé, que corresponde ao “amá-lo” e “ouvi-lo”, e “obedecer-lhe à voz” e “apegar-se a Ele”, do Deuteronômio, é que garantirá a vida do “justo”, naquele contexto de invasão estrangeira. O profeta Jeremias, pela mesma época, se queixa de que seu povo abandonou o Senhor, *fonte de água viva*, para cavar para si *cisternas furadas, que não retêm água* (Jr 2,13), isto é, cometeram o grave equívoco de procurar a Vida onde ela não se encontra...

É de Ezequiel, no começo do Exílio, a famosa afirmação de que *o Senhor não tem prazer na morte do ímpio, mas antes quer que ele se converta*

e viva (Ez 18,23). No mesmo profeta, no cap. 20, encontramos a reiteração de que é na prática dos mandamentos que Israel alcançará a Vida: *Revelei a meu povo os meus preceitos, que eles devem praticar, se quiserem encontrar a Vida* (Ez 20,11). E no final do II Isaias encontramos a exclamação *que o Senhor diz a seu povo, para que possam ter salva a vida: Escutai-me, e vinde a mim; ouvi-me, e haveis de viver!* (Is 55,3)

No livro dos Provérbios, no cap. 8, de redação pós-exílica, a própria Sabedoria de Deus, de pé, junto às veredas, às portas da cidade (Pr 8,2-3), proclama em alta voz: *Quem me encontra, encontra a Vida, e goza do favor do Senhor!* (Pr 8,35). Que Sabedoria é esta, que garante a Vida aos que a encontrem? Em outras passagens do livro, explica-se que a Sabedoria é *uma árvore de Vida* para os que a encontram (Pr 3,18); que *as sentenças da Sabedoria são Vida para quem as acolhe* (Pr 4,22); que *caminha para a Vida, quem observa a “disciplina”, ou seja, a “correção”* (hebr. *mûsâr*) da Sabedoria (Pro 10,17); que o ensinamento da Sabedoria é fonte de vida (Pr 13,14); que o temor do Senhor, que é *o princípio da Sabedoria*, conduz à Vida (Pr 19,23); que enfim, *quem procura a justiça e a fidelidade, esse encontra a Vida, a justiça e a honra* (Pr 21,21)... Por fim, o livro do Sirácida/Eclesiástico, que identifica a Sabedoria com a Lei que Deus concedeu ao seu povo (Sir 24,23), sintetiza toda a tradição sapiencial ao afirmar: *Quem ama a Sabedoria, ama a Vida* (Sir 4,12).

De que “vida” se trata? Salta aos olhos a relevância desse tema para nós, no contexto desta CF-2001 que, abordando o problema das drogas, nos propõe a alternativa da Vida. Por isso, procurando contribuir para a valorização e vitória da vida, convido o leitor/a a se inspirar, comigo, nos belos textos em que João, o discípulo amado, se apresenta para nós como o evangelista da Vida. Percorrendo os escritos a ele ou à sua escola atribuídos, veremos que o quarto evangelho e a primeira carta contêm os textos mais significativos a respeito. Mas levaremos em conta igualmente o Apocalipse, onde as referências à Vida são indiretas, nas expressões em que a Vida aparece no genitivo: coroa, árvore, fonte, livro, espírito... *da Vida*. Antes, porém, de irmos aos textos específicos, apresentaremos uma visão geral do tema em João.

1. O conceito de “Vida” em João

Começo citando Schnackenburg: “A idéia de ‘Vida’ constitui, sem sombra de dúvida, parte do núcleo central da teologia e da pregação soteriológica joanina. O vocabulário (*zôê, zôê aiônios, zên, zôopoieîn*) está amplamente representado no quarto evangelho e na primeira carta,



estendendo-se às vezes ao longo de capítulos inteiros”¹. É sabido como João, entre os quatro evangelistas, é o que mais fala da “Vida”: a começar do v. 4 do seu prólogo, ao afirmar que *nele*, o Lógos, ou seja, a Palavra, que é o Filho, *nele estava a Vida, e a Vida era a luz dos seres humanos* (Jo 1,4), até a conclusão do seu evangelho, no capítulo 20: *Estes sinais foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e para que, crendo, vocês tenham a Vida em seu nome* (Jo 20,31). Ao todo, ele usa o substantivo “vida”m sem adjetivo, 19 vezes e, junto com o adjetivo “eterna”, porém praticamente com o mesmo significado, mais 17 vezes².

A propósito, o grego possui três vocábulos para três conceitos diferentes, que nós expressamos com o único termo “vida”, em português: *zôê*, que é o termo preferido por João para designar a vida no seu sentido mais amplo, também escatológico; *psychê*, que designa a existência corporal, termo que em geral traduz o hebr. *nefesh* e aparece 10 vezes, nos capítulos 10 a 15, em expressões como *dar a própria vida*, p. ex. em Jo 10,11: *o bom Pastor expõe a própria vida por suas ovelhas*; e finalmente *bíos*, que designa a subsistência, os meios de vida, e que só aparece em duas passagens da primeira carta: 1Jo 2,16, *a soberba da ‘vida’*, isto é, das riquezas, e 1Jo 3,17, *os bens*, as posses deste mundo.

Quanto à expressão “vida eterna”³, chama a atenção o fato de que esta expressão, nos Sinóticos, tem cunho escatológico, enquanto em João sempre designa uma realidade presente, p. ex.: *Quem crê no Filho tem a vida eterna* (Jo 3,15.16.36 etc), e *já passou da morte para a vida, agora* (5,24). Em Marcos, p. ex., temos três conexões características: *entrar na vida* (Mc 9,43), *herdar a vida eterna* (Mc 10,17), *receber no mundo futuro a vida eterna* (Mc 10,31), sempre apontando para o futuro, na outra vida. Mateus fala do *caminho que conduz à Vida* (Mt 7,14), e *contrapõe castigo eterno e vida eterna* (Mt 25,46). Também Paulo, quando usa a expressão *vida eterna*, parece visar a consumação escatológica, como em Rm 6,22: *tendes como fruto a santificação e como desfecho a vida eterna*, e Gl 6,8: *quem semear no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna...* embora também Paulo conheça a presencialização da vida eterna agora, pela fé, como em Gl 2,20: *já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*; e Rm 6,11: *considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus...*

Cito novamente Schnackenburg: “João permaneceu à margem do movimento regressivo que se impôs depois de Paulo no cristianismo helenístico, e que voltou a entender a “vida” em seu sentido apenas futuro, escatológico ou pós-mortal. Ele traz decididamente o conceito de vida para o tempo presente, que está transformado pela encarnação do Filho de Deus, o



qual continua vivente no seio do Pai e como tal é a fonte da Vida para os que nele crêem (cf 17,2)⁴.

Mas afinal, de que “vida” se trata? É a vida em plenitude, “em abundância”, que inclui evidentemente os bens temporais como saúde, subsistência econômica, realizações, mas num nível superior, que antecipa a vida do “éon” futuro, ou seja, a “vida eterna” que começa não apenas lá, na “outra vida”, depois da morte, mas desde já, agora, na fé. Como explica Konings: “É um salto qualitativo, que começa já, na fé em Cristo e no seguimento da sua prática. E porque a morte/ressurreição de Cristo foi a manifestação clara desta vida de Deus que, no Dom da vida, supera a morte, chamamos essa ‘escatologia-já’ de ‘existência pascal’”⁵. Trata-se de algo semelhante, embora a ultrapasse, à “vida” oferecida ao povo da Antiga Aliança, por intermédio de Moisés: *Hoje, ponho diante de ti a vida e a morte... escolhe, pois, a Vida!* (cf Dt 30,15-20). Para nós, cristãos, a nossa opção pela Vida, hoje, é a opção de fidelidade a Jesus e à sua palavra, ou melhor, a Jesus que é a Palavra do Pai e que é, Ele pessoalmente, *o Deus verdadeiro e a Vida Eterna* (1Jo 5,20).

Como bem salienta Schnackenburg, a função relevante de Jesus Cristo, que comunica à humanidade a vida de Deus, evidencia a “indisponibilidade” dessa vida⁶. Por si só e abandonado a suas forças, o ser humano não pode superar as limitações do seu peculiar modo de pensar e agir (Jo 3,31: *aquele que é da terra é terrestre e fala das coisas da terra...*), nem sua escravidão aos desejos (8,34: *quem comete o pecado é escravo do pecado...*), nem a ânsia de viver orientada para o que é perecível (6,27: *trabalhai, não pelo alimento que perece...*). A fé no portador divino da Vida abre seus olhos e descortina-lhe o caminho para alcançar a abundância de vida, secretamente anelada. Mas isso não se lhe promete como na gnose, pelo autoconhecimento e a autolibertação, mas pela fé no Deus vivo, que se lhe revela em Jesus Cristo. E a promessa não é só para o futuro, mas já para a sua presente existência terrena. Mediante a fé ele vislumbra já aqui a transcendência do seu ser, e adquire consciência inabalável de estar protegido em Deus. Ao mesmo tempo, porém, o crente está chamado à realização humano-terrena dessa vida, a saber, a uma vida no amor, a serviço dos irmãos e irmãs.

Essa Vida, vida eterna já, se estende para além da morte terrena. Tudo o que se diga sobre ela fica pela metade e se esvazia, observa ainda Schnackenburg⁷, se não se leva a sério a “vida para sempre”, a superação da fronteira da morte. Caso contrário, perderiam sentido afirmações como as de Jo 6,51: *quem come deste Pão, vive para sempre...* ou 8,51: *se alguém guardar a minha Palavra, jamais verá a morte...* ou ainda 11,25b: *quem crê em Mim, ainda que morra, viverá...* João não escamoteia a problemática da morte



corporal, mas a desvenda e soluciona nAquele que é o *Caminho, a Verdade, a Vida* (14,6).

2. A “Vida” no quarto evangelho

2.1 Nele está a Vida

A primeira afirmação de João sobre a Vida encontra-se logo no início do seu prólogo, no Hino ao Lógos, ou seja, a Palavra preexistente e criadora. Nele, no Lógos *que era no princípio, e que estava em relação íntima com o Pai* (lit. estava junto de Deus) *e por quem todas as coisas foram feitas, nele estava a Vida, e a Vida era a Luz da humanidade* (cf 1,1-4). É sabido como João tem o dom de expressar coisas imensas com vocábulos tão simples, mas fundamentais: Palavra, Vida, Luz. Ele, o Lógos, Palavra do Pai, é a *irradiação da sua Glória, a expressão do seu Ser*, como já proclamara o início da carta aos hebreus (Hb 1,3). E justamente por ser essa “irradiação” e “expressão”, nele está a Vida, que é o próprio Ser de Deus. De fato, *como o Pai tem a Vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a Vida em si mesmo* (5,26), e enviou-o como fonte de vida, *para que tenha vida por Ele quem dele comer* (6,37). Esta centralidade da Vida é, pois, a chave de leitura de todo o quarto evangelho: Vida plena, definitiva, “eterna”, “abundante” (10,10), em contraposição a uma vida que não merece este nome.

E a Vida era a Luz dos humanos... (1,4) Como lembram Mateos-Barreto⁸, o termo “luz” era uma das maneiras correntes para designar a Lei de Moisés no ambiente judaico. Assim, a Lei como luz é a norma que guia o comportamento do judeu fiel: *Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, é luz para para o meu caminho* (Sl 119,105). Mais ainda, segundo o livro da Sabedoria, a Lei é a *luz incomparável que devia ser dada ao mundo através do povo de Israel* (cf Sb 18,4). Ora, a afirmação de João inverte a concepção rabínica, que enunciaria a sentença ao revés: “a Luz (= a Lei) é a vida da humanidade”. João propõe justamente o contrário: é a Vida que se sobrepõe à Lei, como transparecerá claramente nos conflitos suscitados pelas curas “em dia de Sábado” (cap. 5 e cap. 9): ao passo que Jesus os resolve em favor da vida, os dirigentes judeus se decidem em favor da Lei.

Ainda Mateos-Barreto: “O tema vida-luz será desenvolvido na passagem de Nicodemos, precisamente em relação com a Lei (3,1-21). Aí, o Homem levantado no alto será apresentado como fonte de Vida definitiva (3,13-15) e nesse sentido é luz (3,19-21), por ser a manifestação do amor-glória de Deus à humanidade (3,16). Em 8,12, Jesus se autoproclamará “a luz do mundo”, e “luz da Vida” para quem o segue...”



2.2 Quem crê no Filho, tem a Vida

De maneira consistente, ao longo de todo o seu evangelho, João afirma que é a fé em Jesus que nos garante a Vida, fazendo-nos entrar desde já na posse e gozo dessa vida “eterna”. Assim, no diálogo com Nicodemos, na sublime afirmação do cap.3,16: *Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*. Pouco mais adiante, no fim do mesmo capítulo, nova afirmação peremptória: *Quem crê no Filho tem a vida eterna. Mas aquele que se recusa a crer no Filho não verá a Vida, e a ira de Deus permanece sobre ele* (3,36). No cap. 5, ao defender-se dos que o atacavam por fazer curas em dia de Sábado e não se abriam à fé, Jesus revela solenemente: *Em verdade, em verdade vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não incorre em julgamento, pois já passou da morte para a Vida* (5,24).

Também no cap. 6, no meio do discurso do Pão da Vida, nova afirmação solene de Jesus: *Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê, tem a vida eterna* (6,47). No cap. 17, ao iniciar a chamada “oração sacerdotal” ou “oração da Hora”, imediatamente antes da Paixão, Jesus pede que o Pai o glorifique. De que modo? Que, pelo poder que lhe foi confiado, Ele conceda a vida eterna a todos os seus discípulos. E a seguir explica o que é essa “vida”: *Ora, a vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, teu Filho, que tu enviaste* (17,3). A vida eterna aí equivale a um “conhecer”, evidentemente não apenas teórico, mas o conhecer experiencial de quem passa a viver segundo Deus, inteiramente transformado por Ele, experienciando aqui a sua paternidade – conhecê-lo como Pai – e praticando a fraternidade, que brota da filiação.

2.3 Eu vim para que tenham Vida

No início do cap. 10, ao denunciar os “ladrões” e “assaltantes”, isto é, os falsos líderes/pastores que só vêm *para roubar, matar e destruir*, Jesus se apresenta como o Pastor verdadeiro, o Pastor-modelo¹⁰, único digno desse nome¹¹, que veio para que as pessoas – as suas ovelhas – *tenham vida, e vida em abundância* (10,10). Isto é, Jesus apresenta como objetivo central, da sua vida e missão, essa partilha da Vida, e *vida abundante*, para todos. Missão do Mestre, missão também de cada um de nós, seus discípulos! Como entender, então, essa exclusão generalizada de tantos? Como entender que, entre cristãos, se conviva tão tranquilamente com essa incoerência? É verdade que aparecem outros objetivos ainda, na missão de Jesus, no quarto evangelho. Assim, p. ex., diante de Pilatos: *Eu vim ao mundo para dar testemunho da Verdade* (18,37); ou, diante dos fariseus, obstinados em sua



cegueira: *Para um julgamento*, ou seja, uma definição, *vim a este mundo: para que os que não enxergam, vejam, e os que vêem, tornem-se cegos* (9,39); ou, no final da sua vida pública: *Vim ao mundo como Luz, para que não permaneça nas trevas aquele que crê* (12,46). Ora, tanto o testemunho da Verdade, como o “julgamento”, como também a ação da “Luz”, tudo conflui para o objetivo central de que *todos tenham Vida, e vida em abundância* (10,10).

2.4 Eu sou a Ressurreição e a Vida

Uma das características do quarto evangelho é a revelação progressiva, multi-facetada, que Jesus faz de si mesmo, p. ex. nas sete vezes em que Ele usa a fórmula “Eu sou” com predicado. Assim, em 6,35: *Eu sou o Pão da Vida*; em 8,12: *Eu sou a Luz do mundo*; em 10,7: *Eu sou a Porta*; em 10,11: *Eu sou o Bom Pastor*; em 14,6: *Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida*; em 15,1: *Eu sou a Videira verdadeira*. Pois bem, no diálogo com Marta, que se queixava a Ele da morte recente de Lázaro, Jesus lhe assegura: *Marta, teu irmão vai ressuscitar!* (11,23). Marta responde: *Eu sei que ele vai ressuscitar no último dia...* isto é, Marta responde com a fé do seu povo, na ressurreição futura, um dia. E aí é o momento em que Jesus lhe revela a novidade da ressurreição que ocorre já agora, através da sua pessoa: *Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim, não morre nunca!* (11,25). Por paradoxais que pareçam estas palavras, elas revelam a nossa participação desde já na vida de Deus, participação experienciada na fé, e que vence a crua realidade da morte física, a dos entes queridos e a nossa também.

2.5 Caminho, Verdade e Vida

Na última Ceia, diante das palavras de Jesus, que fala em “partida” e “retorno”, e fala também num “caminho” do qual os discípulos já teriam conhecimento, Tomé, um deles, se queixa: *Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?* (14,5) Com essas palavras, Tomé resume em cheio a ignorância humana sobre as perguntas capitais: de onde? para onde? de onde viemos? para onde vamos? E é então que Jesus lhe dá a resposta que ilumina de luz fulgurante esta nossa ignorância: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, Tomé. Ninguém vai ao Pai, senão por Mim* (14,6). Ele é o Caminho, como é também a Porta (10,7), caminho que Jesus percorre à nossa frente, concretizado na sua prática e conduzindo-nos à Verdade e, pela Verdade, à liberdade (8,32) e à Vida. Esse caminho não é uma teoria, mas a sua prática, que Ele realizou em sua pessoa. Pautar a nossa vida pela prática de Jesus, fazer dele o nosso “caminho”, é a única maneira de chegarmos à “vida plena”: *Ninguém vai ao Pai, senão por Mim*. Ele próprio



é a Vida, o “Pão da Vida” (6,35): quem dele se alimenta, quem o acolhe na fé, quem imita a sua prática, esse tem a Vida, e Vida “eterna” (6,54).

3. A “Vida” na primeira Carta e no Apocalipse

3.1 A Vida se manifestou e nós a vimos

Impressiona a densidade e beleza do breve prefácio da primeira carta de João, certamente paralelo ao prólogo do quarto evangelho. O que o prólogo tem de solene, amplo, bem ordenado, oferecendo uma síntese da trajetória que começa no seio do Pai e para lá retorna, o prefácio é conciso, denso, e se concentra na experiência das testemunhas privilegiadas (João não se considera o único!) que *ouviram, viram, contemplaram, e apalparam com as mãos o Lógos, a Palavra da Vida*¹². Esse testemunho fundamental se transforma em *anúncio*, e anúncio que tem o objetivo de levar à *koinônia*, ou seja, à *comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo* (1Jo 1,3).

Comparando-se os dois textos, notamos que, enquanto o prólogo diz: *o Lógos, a Palavra, se fez carne.. e nós vimos a sua glória* (Jo 1,14), a Carta escreve: *a Vida se manifestou, e dela damos testemunho* (1Jo 1,2). Da mesma forma, se no prólogo é a Palavra, o Lógos, que *está voltado para o Pai* (Jo 1,1), na Carta é a própria Vida, a Vida Eterna, que mantém esse relacionamento: *a Vida Eterna está voltada para o Pai* (1Jo 1,2), fonte da Vida.

Contra os gnósticos e docetas do seu tempo – e do nosso também! – o autor da 1João defende a realidade da encarnação e sua profunda transcendência teológica. Como observa Schnackenburg, é pela encarnação que a realidade divina, invisível e eterna – *o que era desde o princípio* – se faz visível e palpável, evidente e comunicável. Dessa maneira, os seres humanos, prisioneiros das trevas e de um mundo de morte, podem participar já, agora, da glória e da vida de Deus. Enquanto Paulo acentua o mistério pascal, para João a encarnação já e, por si mesma, soteriológica: é a imersão da Vida divina no mundo humano alienado de Deus, Vida-vida, irresistível, absoluta, indestrutível¹³.

3.2 Vocês têm a Vida Eterna

Outra diferença interessante entre o quarto evangelho e a primeira Carta é a que se encontra na formulação dos seus objetivos. Se o evangelho foi escrito *para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e para que, crendo, vocês tenham a Vida em seu nome* (Jo 20,31), a primeira Carta intenciona apenas confirmar os destinatários, conscientizá-los do tesouro que já possuem: *visto que eles já crêem no nome do Filho de Deus, então devem saber, e disso devem estar conscientes, que já possuem a Vida Eterna* (1Jo 5,13).



Mais. Se no cap. 2,25 ele fala da “promessa” (*Esta é a promessa que Ele vos fez, a Vida Eterna*), pelo final da carta ele recorda o “testemunho” que Deus nos deu de seu Filho. E o testemunho é este: *Deus nos deu a Vida Eterna, e esta Vida está em seu Filho* (1Jo 5,11). E logo a seguir, João assegura: *Quem tem o Filho, tem a Vida; quem não tem o Filho* (isto é, quem não crê no nome do Filho de Deus, a saber, na sua encarnação) *esse não tem a Vida* (1Jo 5,12).

3.3 Quem ama, esse tem a Vida

Se a fé cristológica é o critério decisivo para a posse, já agora, da Vida, trata-se de uma fé “viva”, que se comprova pelo amor fraterno. Por isso mesmo, João completa, na primeira Carta, a afirmação que Jesus faz no quarto evangelho, focalizando a fé: *Quem escuta a minha Palavra e crê naquele que me enviou, esse tem a Vida Eterna e não é submetido a julgamento, pois já passou da morte para a Vida* (Jo 5,24). Na primeira Carta, focalizando o amor fraterno, João relembra o que seus destinatários, junto com ele, já “sabem”: *Nós sabemos que passamos da morte para a Vida, porque amamos os irmãos*. E conclui: *Aquele que não ama, permanece na morte* (1Jo 3,14). Logo a seguir, continuando seu pensamento, ele chama de “homicida” aquele que odeia (mesmo sem chegar a matar!), ou não ama (omitindo-se, deixando morrer!) seu irmão ou irmã. E relembra: *Vocês sabem que nenhum homicida tem a Vida Eterna permanecendo nele* (1Jo 3,15). Assim fica claro como o amor, o amor fraterno, torna-se na prática o critério da autenticidade da nossa fé: *crer em Jesus é fazer o que Ele fez*, isto é, chegar ao ponto de *dar a vida pelo irmão/irmã* (cf 1Jo 3,16). Para ter a Vida, portanto, é preciso crer e amar, amar e crer.

3.4 Eu te darei a coroa da Vida

No Apocalipse, que é o livro da *revelação de Jesus Cristo a João* (Ap 1,1), e *revelação das coisas que devem acontecer muito em breve* (ibid.), não aparece a expressão “vida eterna”. Aparece, porém, cerca de 15 vezes, o termo “Vida”, sempre no genitivo, como já observamos acima, e sempre com conotação escatológica, ao contrário do quarto evangelho e da primeira carta. Assim, nas promessas ao “vencedor”, nas sete cartas iniciais às igrejas, fala-se em *comer da árvore da Vida, que está no Paraíso de Deus* (Ap 2,7); na *coroa da Vida*, que receberá *quem perseverar até a morte* (2,10); e no *livro da Vida*, de onde *não será apagado o nome do “vencedor”* (3,5), detalhes que retornarão no final do livro, na descrição dos *novos céus* e da *nova terra* dos eleitos (Ap 21-22).

Na grandiosa visão do cap. 7, que mostra o triunfo dos que vieram da grande tribulação e alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro (7,14),



anuncia-se que este *os apascentará e os conduzirá às fontes de água da Vida* (7,17). No cap. 20, após o desfecho do segundo combate escatológico, que sucede ao *reino dos 1000 anos* (20,1-10), João vê abrir-se o *livro da Vida*, segundo o qual são julgados os mortos (20,12). A seguir, na criação renovada, menciona-se a *fonte de água da vida*, da qual *beberão gratuitamente os que tiverem sede* (21,6), e descreve-se também o *rio de água da vida, que jorra do trono de Deus e do Cordeiro* (22,1-2) e que, à semelhança da visão do cap. 47 de Ezequiel, simboliza a totalidade das forças da Vida que se difundem em abundância sobre o mundo¹⁴. Visão só do futuro, do final da história? ou realidade presente, *já agora*, embora *ainda não* em plenitude, desde a ressurreição do Senhor?

A propósito, é significativa a visão inicial do Filho do Homem, que João contempla no seu degredo em Patmos, *no dia do Senhor* (Ap 1,10). Ele o vê de pé, luminoso *como o sol em todo o seu esplendor*, proclamando: *Não temas! Eu sou o primeiro e o último, o Vivente! Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho nas mãos as chaves da Morte e do Hades...* (Ap 1,17-18) Sim, Vencedor da Morte pela sua Ressurreição, Ele tem em suas mãos, mais ainda, as chaves da Vida, e com generosidade divina no-las aciona, trazendo-nos Vida, e *Vida em abundância*.

Conclusão

Espero que tenham ficado claras, para nós, cristãos, a relevância e as implicações do slogan da CF-2001: *Vida, sim, drogas não!* Escolhendo a Vida, façamo-lo à luz do que nos ensina a tradição bíblica, em especial João, o evangelista da Vida. Se Cristo, a quem reconhecemos como o Salvador, assumiu a missão de trazer-nos Vida, e *Vida em abundância*, também nós, seus seguidores, devemos incorporar-nos à mesma missão. Missão do Mestre, missão também dos seus discípulos, como já foi lembrado acima. Se é nossa missão, num país onde nós, cristãos, somos maioria, não podemos resignar-nos ao fato de que tantos irmãos e irmãs brasileiros, pelas drogas ou pela fome, pelo desemprego ou pelas doenças, pela ignorância ou pela falta de fé, estejam *excluídos da Vida!* E não nos iludamos em pensar que nos baste a fé nEle, se essa fé não se concretizar no amor fraterno, como exatamente nos alerta o Discípulo Amado na sua primeira Carta. Por outro lado, se formos fiéis e verdadeiramente “vencedores” da luta à qual somos chamados – e esta, não a de Darwin, é a verdadeira “luta pela Vida!” – então, sim, receberemos dele, o Vivente, a *coroa da Vida*, que marcará o reconhecimento de uma *Vida em abundância* vivida e partilhada, desde já, aqui e agora, na fé e no amor.



Notas

¹ SCHNACKENBURG, Rudolf, *El Evangelio según San Juan*, vol. II, Herder, Barcelona, 1980 (trad.), p. 428. Veja todo o “excursus 12”, dedicado ao conceito de “Vida” no quarto evangelho (pp. 428-439)

² Assim DODD, C.H., em *A interpretação do quarto evangelho*, Ed. Paulinas 1977 (trad.), p. 195. Cf todo o capítulo 2, pp. 195-204, sobre a “Vida Eterna” em João

³ J.MATEOS e J.BARRETO, no seu grande comentário *O Evangelho de São João*, Ed. Paulinas 1989 (trad.), preferem traduzir *zôê aiônios* por “vida definitiva”. Cf também, dos mesmos autores, o *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, Ed. Paulinas 1989 (trad.), o verbete “Vida”, pp. 283-289

⁴ SCHNACKENBURG, Rudolf, op. cit., p. 431-432

⁵ KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João, Amor e Fidelidade*, col. Comentário Bíblico ed. Vozes/Sinodal, 2000, pp. 63 e 255

⁶ SCHNACKENBURG, Rudolf, op. cit., p. 438

⁷ Id., ibid., p. 439

⁸ J. MATEOS-J.BARRETO, op. cit., p. 46

⁹ Id., ibid., p. 47

¹⁰ Assim traduzem MATEOS-BARRETO no seu Comentário já citado. Pessoalmente penso que a tradução tradicional “Bom Pastor” corre o risco de fazer do Jesus-Pastor de Jo 10, o “Bom Pastor” de Lc 15,4-7 ou Mt 18,12-13, isto é, o Pastor bondoso que sai à procura da ovelha perdida. Aqui, em João, o Pastor-Jesus é o pastor valente, lutador, que defende as ovelhas contra os lobos e por elas expõe corajosamente a própria vida

¹¹ E no entanto, no final do evangelho, no cap. 21, o último gesto do Ressuscitado é a entrega do pastoreio a Pedro: *Se me amas, cuida das minhas ovelhas* (21,15-17)... missão sobreumana, que Pedro só poderá cumprir se a tanto o ajudar a graça do Pastor-modelo, o próprio Senhor Jesus

¹² Lit. *a respeito da Palavra da Vida*, em gr. *perí toú lógou tês zôês*, que os especialistas explicam de diferentes maneiras: cf os comentários à primeira Carta, p. ex. de BROWN, Raymond (Anchor Bible, Doubleday, New York, 1982), ou de SCHNACKENBURG, Rudolf (Herder, Barcelona, 1980, trad.), ou de STOTT, John R.W. (Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova, SP, 1982, trad.).

¹³ SCHNACKENBURG, Rudolf, *Cartas de San Juan*, Herder, Barcelona, 1980, trad., pp. 103-104

¹⁴ Cf PRIGENT, Pierre, *o Apocalipse*, Ed. Loyola, São Paulo, 1993 (trad.), p. 408

Endereço do Autor:

ITESC - Cx.Postal 5041
89040-970 Florianópolis - SC

O autor parte da necessidade existencial da Esperança, e define o ser humano como um “ser de esperanças” e “da Esperança”. Esta, porém, para nós, cristãos, personalizada em Cristo. Após refletir sobre a “novidade do cristianismo”, o autor aborda a Esperança no existencialismo cristão de Gabriel Marcel, e se detém na teologia do apóstolo Paulo. Passa, então, aos “desafios da Esperança no mundo atual”, e a seguir reflete sobre “ser jovem”, juventude e realidade, os jovens e suas opções, os jovens e seu futuro, o encanto de ser jovem, para então abordar a incidência das drogas na juventude. E conclui, insistindo na missão e responsabilidade da Igreja – nossa missão pessoal também – de apontar aos jovens, mendigos da Vida e órfãos dos verdadeiros valores, a mensagem de Vida e Esperança que possuímos.

Esperança, Juventude, Drogas

Pe. Evaristo Debiasi

Licenciado em Teologia Sistemática e Professor no ITESC